

# “Promover os Açores com arte e com artistas é o investimento mais frutífero que se podia fazer nos dias de hoje”

Nasceu no Canadá, mas foi criado na ilha do Pico. Após ter vivido uma longa temporada da sua vida no seu país de origem, Terry Costa regressa à terra que o viu crescer. Em 2012, funda a Associação Cultural MiratecArts, promovendo os Açores para o resto do mundo. Desde então, que tem ganho uma enorme dimensão devidos aos projectos que têm vindo a ser desenvolvidos. Um deles arranca já hoje, o Montanha Pico Festival, com uma agenda que se prolonga até ao fim do mês de Janeiro. Terry Costa admite que nunca pensou “que conseguisse fazer tanto e em pouco tempo” quando criou a MiratecArts.

**De actor a encenador, produtor e criador de eventos. Como caracteriza a sua carreira?**

Sou um artista multidisciplinar. Sempre trabalhei no mundo cultural artístico. É a minha vida e não considero uma carreira. Sigo minhas paixões e aceito mudanças, dependendo do que a natureza e as circunstâncias me oferecem.

A minha vida já tem três capítulos muito distintos. Nasci no Canadá, mas meus pais voltaram à ilha quando eu era apenas bebé. Aqui nos Açores, na ilha do Pico, tenho a minha infância e o “bichinho” da vida nas artes. Voltei ao meu país de nascença para os estudos e fiquei a trabalhar em lindos projectos teatrais, mas também noutras disciplinas artísticas. O regresso ao Pico, já na minha “meia-idade”, leva-me a esta nova faceta da vida à qual dedico mais tempo, nomeadamente a produção e a apresentação. Estou a adorar, mas sempre disposto a mudanças se forem necessárias.

Já fiz muitos projectos com os trocos que se encontra entre os coxins do sofá e outros com orçamentos milionários. Já fui pago, pelo mesmo trabalho, um dia com um jantar e no outro dia com uma viagem à volta do mundo. Por isso, não considero o que faço uma “carreira” mas sim uma vida nas artes.

**O teatro é a sua área de formação, mas investiu em outras áreas como a música e a dança. Porquê esta diversidade?**

Desde criança que sempre participei nas artes. Primeiro, aprendi o solfejo com o Maestro Francisco de Matos na freguesia da Candelária, no Pico. A música e os instrumentos de corda sempre fizeram grande parte da minha infância. Cantava com as Irmãs da Casa de São José e na igreja até à minha adolescência. Nunca esqueço a Irmã Nivéria, que foi a minha primeira professora de canto. Fazíamos teatro também.

A minha família sempre me incentivou com livros, desde banda desenhada aos contos. Mas admito que talvez tudo começou quando desenhava galinhas nos cadernos escolares das minhas manas (risos), que são uma década mais velhas que eu. Sempre estive rodeado pelas artes e a participar nelas, desde que me lembro. Nunca me questioneei a fazer outra coisa na vida. E algo muito importante, que tenho a certeza, é que os meus pais sempre incentivaram-me fazer o que me faz feliz.

Já no Canadá, no secundário, além de continuar o teatro, investi muito na dança contemporânea e na pintura, especialmente desenhos de grande porte a giz e instalações que questionavam o papel dos géneros, algo que



Pedro Silva

No passado mês de Dezembro, Terry Costa lançou o seu primeiro livro infanto-juvenil intitulado “Néveda nos Açores”. A personagem será um promotor das artes nos Açores.

ainda continuo hoje em dia. Depois, quando chegou a hora de continuar os estudos, escolhi licenciar-me na dramaturgia e artes dramáticas na Universidade de Toronto e fui para o conservatório de teatro no Colégio Sheridan porque para mim o teatro é a arte mais completa. No teatro, necessitamos do texto, da dança, da música, das artes plásticas e muito mais para criar a imagem final, aquilo que se oferece às audiências. E foi aí que descobri que ser encenador era o que mais me chamava, o qual depois foi virando para produtor. Já lá vão quarenta anos desde que me lembro de representar “o menino pobre”, algo que pessoalmente, nunca me considerei, mesmo que minha conta bancária o possa confirmar (risos). Mas sempre me senti uma pessoa rica porque tenho imaginação fértil e ideias para ultrapassar muitas barreiras. Agora admito: a minha arte não é comercial, mesmo que faça algumas coisas que até tenham boas vendas. Também já tive essa oportunidade de trabalhar com empresas em que se pode ganhar bem, mas nunca senti que era o meu lugar.

Considero-me uma pessoa com poucos preconceitos. Eu abraço a diversidade no meu dia a dia. Talvez essa seja a resposta mais directa à pergunta. Eu sou o que faço, ou faço o que sou...

Após 22 anos no Canadá, regressou à

**ilha do Pico. Que motivos o levaram a regressar à ilha da montanha?**

Além dos meus pais viverem na ilha e eu estar a visitá-los constantemente, foi um impulso em que parece que os planetas se alinharam para que tal acontecesse. Necessitava de uma mudança na vida pessoal. A vida pública e a vida artística também estavam prontas para novos desafios. E claro, uma saudade da terra dos meus tempos de infância. Acho que podemos dar voltas ao mundo, viver e até trabalhar nos locais mais cobiçados do planeta, mas é a “nossa terra” que nos chama e que nos faz mais feliz. E eu senti isso quando decidi viver mais na ilha do que fora dela. Eu senti uma felicidade de uma forma diferente e para seguir as nossas paixões, podemos estar em qualquer lugar, concretiza-las em qualquer lado, e sim, até nas artes, não necessitamos de estarmos a residir nos maiores centros para as conseguirmos.

**MiratecArts: 8 anos a promover o arquipélago dos Açores. Tem sido um enorme impulsionador na criação de projectos como o Azores Fringe Festival, Montanha Pico Festival, Roteiro de Arte Pública na Madalena, o Festival Cordas e muitos outros. Quando fundou a Associação, esperava que tivesse a dimensão que tem actualmente?**

**“Criar a personagem da Néveda e ter a Vera Bettencourt a ilustrar o primeiro livro foi um dos meus sonhos pessoais conseguidos. A Néveda vai seguir pelo mundo não só em livro, mas também biscoitos e bolachas, fantoches e muito mais. Vamos usar a Néveda para avançar na promoção de mais programas educativos através dos artistas açorianos.”**

Desde 2012 que a MiratecArts promove os Açores com arte e artistas. Nunca pensei que conseguisse fazer tanto e em pouco tempo. Temos 4 grandes festivais, falados e galardoados internacionalmente. Muitos projectos que abrangem todo o tipo de arte e de artistas. Nos nossos programas, já acolhemos mais de 1900 artistas de 63 países incluindo do norte a sul de Portugal, ilha da Madeira e das 9 ilhas dos Açores. A plataforma que criamos online, a Discover Azores, conta com a participação de artistas açorianos, especialmente interessados na internacionalização de seus trabalhos. São os nossos colaboradores locais, que já ultrapassam os 470 desde o Corvo a Santa Maria. E é com grande satisfação que vejo em média cerca de 10% dos colaboradores participarem em cada ano. Este projecto não é de agenciamento ou management de artistas mas sim de divulgação e de promoção de artistas, assim como organizar oportunidades para visibilidade de seus participantes. Vamos promover os Açores através da sua arte, dos seus artistas e dos seus artesanos.

**A insularidade é um desafio para a Associação?**

A insularidade é sempre um desafio. Para a MiratecArts, um dos objectivos é dar a conhecer-nos melhor inter-ilhas, o que vem sendo o maior investimento: a mobilização de artistas inter-ilhas. E claro, nem sempre